

## **A verdade e o seu caráter mítico: enunciado de um gozo<sup>1</sup>**

*Gustavo Miranda Fonseca e Paulo Vidal*

Os escritos freudianos são especialmente caracterizados pela narrativa de mitos e relatos clínicos. O uso desse recurso é parte da necessidade de formular e transmitir uma clínica em nascimento, ainda que seja utilizado com objetivos distintos. Esse duplo movimento, que poderíamos delimitar, por um lado, do recurso ao mito como possibilidade de elaboração de um determinado saber e, por outro, do relato clínico como um espaço que demonstra algo da verdade do sujeito será o tema deste texto. Observamos que tanto os usos dos mitos e dos casos clínicos são realizados para tentar circunscrever o aspecto pulsional tal qual apresentado pela teoria psicanalítica. Para realizar tal tarefa, trabalharemos com duas passagens do *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*<sup>2</sup>, de Lacan, assim como os seus comentários sobre o caso Dora realizados no texto "Intervenção sobre a transferência"<sup>3</sup>.

A premissa de Freud na qual o sintoma - seja ele histérico, paranoico, obsessivo ou fóbico - traduz algo da verdade daquele que o porta demonstra a radicalidade do pensamento freudiano. Radicalidade que não garante o aceite incontestável desse pensamento, com o risco de cairmos sempre muito distante do que tal premissa fundamental apresenta: a disjunção entre o saber e a verdade. Para Freud, os sintomas possuem relação com a realidade sexual do sujeito, ressaltando constantemente em seus escritos o caráter pulsional da sexualidade. Nesse ponto, concordamos com Zupancic<sup>4</sup> quando diz que é esta abordagem do sexual que

permite à psicanálise não ser somente mais uma filosofia, ou uma filosofia psicologizada, que ofereceria um certo saber e apaziguamento para os impasses que inevitavelmente o sexual impõe ao homem. Mantendo sua concepção sobre a sexualidade e o seu caráter pulsional, a psicanálise oferece não somente um entendimento mais abrangente do homem, mas uma nova maneira de se realizar a clínica.

O conceito de pulsão na clínica psicanalítica é de difícil apreensão, embora fundamental para a experiência clínica que ela propõe e para a sua metapsicologia. Para tanto, Freud recorre ao seu aspecto mítico para elucidá-lo: "A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão"<sup>5</sup>. Se o recurso ao mito em Freud, como o que faz com Édipo e em "Totem e tabu" serve mais a um propósito de construção de um saber, o caráter mítico da pulsão parece nos aproximar mais de um furo, inapreensível, algo que em termos lacanianos estaria inscrito no real.

Essa impossibilidade de totalização será a marca do pensamento e da clínica psicanalítica, especialmente caracterizada com as suas elaborações sobre a pulsão de morte. Assim, a expressão "a razão desde Freud" cunhada por Lacan demonstra claramente a sua posição ao ler os textos freudianos. Para o psicanalista francês, a invenção da psicanálise, seja como teoria ou como práxis de cuidado, afeta diretamente a razão moderna. É preciso pensar uma racionalidade que dê conta do que Freud recolheu de sua experiência clínica, especialmente desde a disjunção entre o saber e a verdade. Uma racionalidade que vá além de uma adequação do Eu, que não represente necessariamente um alargamento da consciência e que não se limite a uma resignação infinita. Essa tensão perpassará todo o ensino

de Lacan e, podemos dizer, é ela que motiva em diversos momentos as mudanças conceituais de seu ensino.

Em seu *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*<sup>6</sup>, Lacan trabalha insistentemente sobre o lugar do saber (sempre inconsciente) e da verdade (sempre não toda) do sujeito. Todavia, duas passagens nos chamam a atenção nesse seminário, pois, numa delas, soa estranha a proposta teórica de Lacan ao caminhar, aparentemente, em uma direção contrária a essas características da psicanálise. Em um primeiro momento, Lacan afirma que o mito é uma enunciação da verdade e, logo depois, que o mito é um enunciado do impossível. Como seria possível realizar uma articulação das duas afirmações? Ou, mais precisamente, o que a segunda afirmação nos oferece além da primeira?

Lembremos a ruptura de Freud: há algo que não tem um saber, mas é verdadeiro. A psicanálise propõe, como diz Safatle, um "discurso da clivagem e da discordância, ela pregaria a descontinuidade radical entre o saber da consciência e a verdade do inconsciente"<sup>7</sup>. No entanto, a leitura de Lacan de um saber sobre a verdade persiste no início desse seminário. Uma leitura que nos remete a um Lacan inicial, um Lacan influenciado sobremaneira pelos escritos de Hegel.

A influência do pensamento hegeliano em Lacan dá-se, principalmente, através da interpretação que Alexandre Kojève realiza de Hegel. Existem diversos trabalhos que apontam discordâncias na leitura realizada por Kojève, porém, o que nos importa, seguindo uma interpretação feliz do filósofo Paulo Arantes, é que essa leitura se baseia em um "Hegel errado, mas vivo". É com esse Hegel que Lacan inicia o seu retorno a Freud, expressão que demarca uma busca por Lacan das condições necessárias para pensar a

experiência analítica. Em seus textos iniciais, principalmente em "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise"<sup>8</sup>, Lacan reconduz a experiência psicanalítica ao campo simbólico, em uma tentativa de distanciar a psicanálise de um "doutrinação" vigente na psicanálise após a morte de Freud.

Dessa forma, para articular a fundamentação da experiência analítica, a dialética se apresenta como recurso fundamental. Como diz Lacan, em um texto de 1951: "A psicanálise é uma experiência dialética"<sup>9</sup> e em outro texto, seguindo a mesma linha, em que define as condições necessárias para a experiência analítica:

Ela (a psicanálise) só dará fundamentos científicos à sua teoria e à sua técnica ao formalizar adequadamente as dimensões essenciais de sua experiência, que são, juntamente com a teoria histórica do símbolo, a lógica intersubjetiva e a temporalidade do sujeito<sup>10</sup>.

A "lógica intersubjetiva", dentre essas condições apresentadas por Lacan, nos interessa em especial para a continuidade desse texto. É através dessa lógica que Lacan pensará inicialmente os modos de subjetivação próprios à clínica psicanalítica. Para Lacan o problema da subjetivação caminha de forma conjunta com a temática do reconhecimento e é apoiando-se nos desenvolvimentos hegelianos sobre esse tema que Lacan procura extrair, através da experiência de sua dialética e fundado na noção de intersubjetividade, um paradigma de racionalidade. Como podemos observar em "Intervenção sobre a transferência" as séries de inversões presentes na dialética lacaniana nos aproximariam de uma experiência em que o desejo se faz reconhecer. Desta forma:

A realização intersubjetiva do desejo, ou seja, a reflexividade própria ao reconhecimento do desejo do sujeito pelo Outro, apresentava-se como a essência da cura analítica. Tratava-se da possibilidade de assunção do desejo do sujeito na primeira pessoa do singular no interior de um campo linguístico intersubjetivamente partilhado. Daí se seguia a afirmação: "o sujeito começa a análise falando de si sem falar a você, ou falando a vocês em falar de si. Quando ele for capaz de falar de si a você, a análise estará terminada"<sup>11</sup>.

A articulação realizada entre a dialética e a intersubjetividade nos permite perguntar se Lacan estaria aproximando a possibilidade da constituição de um saber que englobaria a verdade, ou melhor, de um saber como verdade. Ainda que existam diversas interpretações sobre a dialética hegeliana - em que pesa, principalmente, que essa dialética nunca determinaria uma síntese - esse momento do ensino de Lacan sofreu várias críticas, pois enxergaram nele um alargamento da consciência que englobaria todo o espectro daquilo que antes era desconhecido (o que nos parece ser a pretensão, através da leitura da *Verneinung* freudiana, realizada por Hyppolite). As críticas provenientes desse período ressaltam que essa leitura da obra freudiana por Lacan privilegia o sentido e a história, na qual se demonstra fortemente uma tradição hermenêutica, e que demarcariam um certo "eclipse da pulsão", como nos diz Miller<sup>12</sup>, no ensino lacaniano.

Mesmo que sob esse eclipse, o conceito de pulsão em Lacan ganhará contornos cada vez mais nítidos, principalmente com a entrada em cena do gozo e com a concepção do mais-de-gozar. Em certo sentido, um primeiro declínio desse eclipse já é possível de ser observado quando Lacan desdobra o aspecto de que uma verdade nunca é toda (inspirado claramente na filosofia de Heidegger sobre o "velamento" e o "desvelamento") e de que o saber é sempre

um saber que não se sabe. Como diz Oliveira: "Não se trata, para Lacan, de um *Selbstbewusstsein*, mas de um *Umbewusstsein*. Não se trata, para Lacan, de Consciência de si, mas de Inconsciente; em outras palavras, Lacan não é hegeliano, mas freudiano"<sup>13</sup>. Assim, a premissa de Lacan de que o mito é algo que comporta um saber sobre a verdade é melhor entendido se lermos que o mito tem uma relação com a verdade.

Ainda em "Intervenção sobre a transferência"<sup>14</sup> destacam-se as séries de inversões realizadas por Freud e localizadas por Lacan no caso Dora a partir de sua leitura da *Verneinung* freudiana como práticas interpretativas. Essas interpretações estão baseadas naquilo que Freud realiza a fim de "mostrar o que o paciente desconhece, ou seja, o que ele pressupõe sem poder pôr"<sup>15</sup>. No ensino de Lacan a interpretação passa a ser lida a partir do que ele denomina de enunciado e enunciação: o enunciado é o que se diz, a enunciação é o que se quis dizer com o dito. O mito, nesse primeiro sentido (como um saber sobre a verdade), parece-nos estar mais próximo de uma enunciação sobre algo, pois é possível restituir um enunciado a partir dele. A análise, em uma determinada concepção, trabalharia justamente neste caminho: o analista ao escutar a fala do analisante a escuta como enigma e lança a ele a sua enunciação. Segundo Oliveira: "O analista está ali para fazer supor um saber enquanto verdade na fala de seu paciente. A interpretação, para Lacan, tem a estrutura do saber como verdade"<sup>16</sup>. Porém, Lacan salienta uma última inversão, a qual Freud não teria realizado, onde aportaria para Dora a questão "o que é ser uma mulher", algo que se mostra como um valor de negação irreduzível.

Assim, na experiência analítica nem tudo pode ser interpretado. É o que já demonstra o projeto freudiano, ao menos no que encontramos no final de seu ensino, com o texto "Análise terminável e interminável"<sup>17</sup>, por exemplo. Se a psicanálise fosse somente uma prática interpretativa estaríamos trilhando um caminho hermenêutico, onde, por fim, teríamos a assunção de uma verdade maior. Como nos diz Motta: "Na inovação freudiana, no para além do princípio do prazer, o problema é o que o gozo tem de não saturado, não absorvido pela instância significante do falo"<sup>18</sup>. A segunda leitura do mito, como um enunciado do impossível, apresenta-nos, ao menos, outra possibilidade para a leitura do saber e da verdade.

Nessa versão o mito ocupa somente o lugar do enunciado apontando para a dimensão do real, do impossível. A concepção do mito nesse seminário, realizado de forma tão distinta em poucas páginas, pode ser compreendida a partir de uma tentativa de circunscrever a pulsão em uma nova perspectiva. Assim, outro termo ganhará contorno cada vez mais contundente no ensino de Lacan ao par saber e verdade: o gozo. Na tensão entre saber e verdade, insolúvel por direção teórica na psicanálise, o gozo se apresenta como uma instância primária, onde é possível situar tanto o sujeito quanto o significante. Como diz Motta:

[...] como que um eco longínquo do que fora a proscricção da pulsão a partir da intersubjetividade. [...] Relação primitiva que está feita para dar conta do fato de que a articulação significante, a ordem simbólica, o significante, surge no ponto de juntura do gozo. Do gozo surge o significante, o que motiva a própria repetição do significante<sup>19</sup>.

O gozo aparece, assim, como aquilo que impede, em certa medida, a psicanálise de entrar em totalizações, tão frequentes em determinados campos do saber e de práticas clínicas. No percurso analítico parece que nos afastamos de uma dialética totalizante e nos aproximamos de uma direção de tratamento que visa não somente a construção de uma verdade (com caráter ficcional e não-todo), mas também da nomeação de uma forma de gozo que se apresentaria como algo estritamente singular.

A linguagem, entendida a partir desse caráter primário do gozo, deixa de ser compreendida como o espaço cuja finalidade, através de seu caráter metafórico, seria o de comunicar. Toda a noção de intersubjetividade, assim como a função da palavra e o campo da linguagem é repensada, pois o gozo passa a ser afirmado em seu caráter real. Segundo Motta,

Basicamente é o próprio estatuto do simbólico que muda, que sofre um deslocamento, uma mutação. Imperceptivelmente, por um deslocamento moebiano, mais do que um corte ele é situado no mesmo nível que o imaginário. [...] Agora, quando se depreende o caráter primário do gozo, ambos os registros parecem pertencer a mesma categoria do aparente, do faz-de-conta, do semblante<sup>20</sup>.

Há, nesse momento, uma confrontação entre significante e gozo. Esse simbólico capaz de produzir novos significados, ou seja, capaz de produção de saber, esbarra de maneira direta com o gozo, pois este passa a ser anterior a toda elucubração simbólica. Ao que nos parece, chegamos a um momento da teoria lacaniana em que a verdade não é possível de ser compreendida através dos desenvolvimentos da cadeia simbólica, nem tampouco como não-toda, pois ainda assim estaríamos circunscritos em uma

trama discursiva. A verdade, mais do que nunca, se posicionaria próxima da pulsão e se caracterizaria como algo que faz efeito, que tem um sentido singular, mas que resiste a uma narrativa. É antes traço, letra e, nesse sentido, possui um caráter mítico.

O uso da mitologia na obra freudiana esteve constantemente próximo da perspectiva de engendrar novas significações, visto a necessidade de exprimir por outros meios as dificuldades teóricas. Porém, o caráter mítico das pulsões, como nos diz Freud na passagem citada no início de nosso texto, aponta para uma direção onde esse mítico está muito mais próximo de um sem sentido. A pulsão para a psicanálise é o que demarca em sua teoria (e que impõe consequências clínicas) a negatividade da constituição do sujeito. Negatividade esta entendida como um ponto de indeterminação que oferece possibilidades de constituições além de estruturas previamente caracterizadas e de identificações totalizantes. Neste sentido, o gozo, forma conceitual mais elaborada pela qual Lacan trabalha a pulsão freudiana, mantém o seu caráter mítico e nos parece apontar não somente para uma verdade do sujeito, mas também para um espaço de indeterminação que possibilita a confecção de um mais-além do sintoma.

---

<sup>1</sup> Este artigo possui como texto base o trabalho apresentado por Gustavo Fonseca para a conclusão de Curso Fundamental do ICP-RJ, realizado em junho de 2013.

<sup>2</sup> LACAN, J. (2007/1969-1970). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<sup>3</sup> IDEM. (1998/1951). "Intervenção sobre a transferência". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<sup>4</sup> ZUPANCIC, A. (2013). "Sexualidade e Ontologia". Disponível em: <<http://ideiaeideologia.com/wp-content/uploads/2013/04/Zupancic-Sexualidade-e-Ontologia.pdf>>.

<sup>5</sup> FREUD, S. (2006/1933). "Novas Conferências XXXII: ansiedade e vida pulsional". In: *Edição standard brasileira das obras*

---

*psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 98.

<sup>6</sup> LACAN, J. (2007/1969-1970). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit.

<sup>7</sup> SAFATLE, V. (2005). *A paixão do negativo*. São Paulo: Unesp, p. 22.

<sup>8</sup> LACAN, J. (1998/1953). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In: *Escritos*. Op. cit.

<sup>9</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 215.

<sup>10</sup> IDEM. (1998/1951). "Intervenção sobre a transferência". In: *Escritos*. Op. cit., p. 290.

<sup>11</sup> SAFATLE, V. (2005). *A paixão do negativo*. Op. cit., p. 96. Ver também: LACAN, J. (1998/1954). "Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a 'Verneinung' de Freud". In: *Escritos*. Op. cit., p. 374.

<sup>12</sup> MILLER, Jacques-Alain. *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 120.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, C. (2007). "Da enunciação da verdade ao enunciado do gozo". In: *Discurso - Revista do Departamento de Filosofia da USP*, n° 36. São Paulo: Alameda, p. 275.

<sup>14</sup> LACAN, J. (1998/1951). "Intervenção sobre a transferência". In: *Escritos*. Op. cit.

<sup>15</sup> SAFATLE, V. (2005). *A paixão do negativo*. Op. cit., p. 62.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, C. (2007). "Da enunciação da verdade ao enunciado do gozo". Op. cit., p. 281.

<sup>17</sup> FREUD, S. (1996/1937). "Análise terminável e interminável". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Op. cit.

<sup>18</sup> MOTTA, M. (1997). "Um conceito arquimediano: a pulsão na orientação lacaniana". In: *Os destinos da pulsão*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 63.

<sup>19</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 65.

<sup>20</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 66.